

a primeira vez para sempre  
sarah morgan

Tradução de Nanci Marcelino

## *Caro leitor,*

As amizades sempre foram importantes para mim. Os bons amigos intensificam os momentos de felicidade e atenuam os maus e foi por isso que decidi escrever sobre três amigas quando chegou a altura de planear a minha série de romances contemporâneos.

Emily, Brittany e Skylar são as melhores amigas há mais de dez anos e fizeram a promessa de se ajudarem mutuamente caso alguma vez tivessem problemas. O refúgio delas quando a vida se complica? O chalé O Náufrago, na bonita Ilha dos Papagaios-do-Mar, no Maine.

A primeira vez que vi papagaios-do-mar foi no Norte de Inglaterra há muitos anos e são as mais maravilhosas e belas aves marinhas. Um pormenor que me deixou fascinada foi o facto de eles, normalmente, voltarem à ilha onde nasceram para se reproduzirem. Embora não seja uma espécie em risco de extinção, hoje em dia são raros no Maine e existem projetos para reintroduzi-los em algumas das ilhas.

O tema do regresso a casa foi o fio condutor que usei ao longo das histórias. Neste caso, a casa é o chalé O Náufrago, um refúgio à beira-mar deixado a Brittany pela avó.

Quando a vida de Emily muda de forma drástica e ela dá por si como tutora da filha da irmã, recorre ao refúgio na Ilha dos Papagaios-do-Mar. Mas a vida junto ao mar acarreta os seus próprios desafios para Emily, cujas escolhas de vida foram determinadas por um incidente no passado dela. Ela tem segredos, mas não é fácil guardá-los numa comunidade coesa e não o será principalmente quando o atraente proprietário do clube de iates Ryan Cooper tornar sua missão pessoal quebrar todas as barreiras que ela alguma vez ergueu. Depressa deixará de proteger exclusivamente a sobrinha para passar a proteger também o próprio coração.

Estas histórias são sobre amor, amizade e comunidade.

Espero que se apaixone pelas personagens e também pela beleza arrebatadora da Ilha dos Papagaios-do-Mar. Vá ao meu website, [sarahmorgan.com](http://sarahmorgan.com), para ver algumas das minhas fotografias do Maine e de papagaios-do-mar e inscreva-se para receber a minha newsletter e ser informado acerca de futuros lançamentos de livros. Se gostar deste livro, não perca a história de Brittany.

**Obrigada por ler.**

**Abraços,**

*Sarah*

xxx

*Para Laura Reeth,  
maquilhadora profissional,  
guru do estilo e querida amiga.*



«Temos de libertar-nos da esperança de que o mar alguma vez acalmará. Temos de aprender a navegar com ventos fortes.»

*Aristóteles Onassis*



**E**ra o sítio perfeito para quem não queria ser encontrado. Um destino idílico para pessoas que adoravam o mar.

Emily Donovan detestava o mar.

Parou o carro no cimo da colina e desligou as luzes. A escuridão envolveu-a, sufocando-a que nem um cobertor pesado. Estava habituada à cidade, com a sua linha de horizonte cintilante e as luzes ofuscantes que transformavam a noite em dia. Aqui, nesta ilha escarpada na costa do Maine, só se via a Lua e as estrelas. Nada de multidões, nada de buzinas, nada de arranha-céus. Nada mais para além de penhascos sovados por ondas, do grasno de gaivotas e do cheiro do oceano.

Não fosse pela criança presa no banco de trás do carro, teria tomado um sedativo na breve travessia de ferry.

A pequenina ainda estava de olhos fechados, de cabeça inclinada para um lado e os braços num gesto estrangulador em torno de um ursinho de peluche coçado. Emily pegou no telefone e abriu a porta do carro sem fazer barulho.

*Por favor, não acordes!*

Afastou-se alguns passos do carro e marcou um número. A chamada foi para correio de voz.

— Brittany? Espero que estejas a divertir-te na Grécia. Queria só dizer-te que já cheguei. Obrigada por me deixares usar o chalé. Estou mesmo... Estou... — *Grata*. Era a palavra de que estava à procura. *Grata*. Respirou fundo e fechou os olhos. — Estou em pânico. Que diabos estou a

fazer aqui? Há água por todo o lado e detesto água. Isto é... Bem, é difícil. — Olhou de relance para a criança adormecida e baixou o tom de voz. — Ela queria sair do carro no ferry, mas manteve-a presa com o cinto, porque *nem pensar* que ia deixá-la sair. Já agora, aquele tipo assustador do porto com as sobancelhas grandes deve pensar que sou doida, por isso é melhor fazeres de conta que não me conheces na próxima vez que vieres a casa. Fico aqui até amanhã, porque não tenho alternativa, mas depois apanho o primeiro ferry daqui para fora. Vou para outro sítio qualquer. Algures onde não haja mar, tipo... tipo... o Wyoming ou o Nebraska.

Quando terminou a chamada, a brisa ergueu-lhe o cabelo e ela sentiu o cheiro a sal e mar no ar.

Fez outra chamada, desta vez para um número diferente, e sentiu uma vaga de alívio assim que atenderam e ela ouviu a voz ofegante de Skylar.

— Skylar Tempest.

— Sky? Sou eu.

— Em? O que se passa? Este não é o teu número.

— Mudei de telemóvel.

— Estás com medo que alguém consiga localizar a chamada? Caramba! Isto é emocionante.

— Não é emocionante. É um pesadelo.

— Como te sentes?

— Com vontade de vomitar, mas sei que isso não vai acontecer, porque não como há dois dias. A única coisa que tenho no estômago é um nó de tantos nervos.

— A imprensa já te localizou?

— Acho que não. Paguei tudo com dinheiro e vim embora de Nova Iorque a conduzir. — Olhou de relance para trás, para a estrada, mas só viu escuridão. — Como é que as pessoas vivem assim? Sinto-me como se fosse uma criminosa. Nunca me escondi de ninguém em toda a minha vida.

— Trocaste de carro para os despistares? Pintaste o cabelo de roxo e compraste uns óculos?

— Não. Estiveste a beber?

— Vejo muitos filmes. Não podes confiar em ninguém. Precisas de um disfarce. Alguma coisa que te ajude a passar despercebida.

— Nunca hei de passar despercebida num sítio com faixa costeira. Hei de ser a única com um colete salva-vidas no meio da Rua Principal.

— Vai correr tudo bem. — O tom extraordinariamente seguro de Skylar mostrou que não estava nada convicta do que estava a dizer.

— Vou embora amanhã bem cedo.

— Não podes fazer isso! Concordámos que o chalé seria o sítio mais seguro para te esconderes. Ninguém vai reparar em ti numa ilha repleta de turistas. É um sítio de sonho para umas férias.

— Não é sítio de sonho nenhum, quando hiperventilas sempre que vês água.

— Não vais fazer isso. Vais inspirar o ar do mar e descontraír.

— Não tenho de estar aqui. Tudo isto não passa de uma reação exagerada. Ninguém anda à minha procura.

— És a meia-irmã de uma das maiores estrelas de cinema de Hollywood e és tutora da filha dela. Se se fica a saber desse pormenor, vais ter toda a imprensa atrás de ti. Precisas de um sítio para te esconderes e a Ilha dos Papagaios-do-Mar é perfeita.

Emily estremeceu com um calafrio de pânico.

— Porque é que eles haveriam de saber da minha existência? A Lana passou toda a vida a fazer de conta que não existo. — E isso fora perfeito para ela. Nunca desejara ser apanhada pelos holofotes da ribalta de Lana. Emily era extremamente reservada. Já Lana, pelo contrário, exigira atenção desde o dia em que nascera.

Emily pensou que a meia-irmã teria gostado de saber que ainda era manchete dos jornais, apesar de já ter passado mais de um mês do acidente de avião que a matara, a ela e ao homem com reputação de ter sido amante dela.

— Os jornalistas conseguem descobrir tudo e mais alguma coisa. Isto é como o enredo de um filme.

— Não, não é! É a minha *vida*. Não a quero escancarada e exposta para que todo o mundo veja e não... — Emily calou-se e depois disse as palavras em voz alta pela primeira vez. — Não quero ser responsável por uma criança. — Que nem fumo a passar por baixo de uma porta, dos recantos obscuros do cérebro dela emergiram lembranças do passado. — Não posso ser.

Não era justo para a menina. E não era justo para ela.

Porque é que Lana lhe fizera isto? Teria sido por maldade? Não pensara bem nisso? Teria sido um qualquer desejo perverso de se vingar por uma infância em que somente tinham partilhado o espaço em que viviam?

— Eu sei que pensas assim e compreendo os teus motivos, mas tu consegues fazer isso. Tens de conseguir. Neste momento, és tudo o que lhe resta.

— Eu não devia ser tudo o que resta a alguém. É injusto. Não devia

tomar conta de uma criança durante cinco minutos, quanto mais um verão inteiro.

Não interessava se as pessoas se rendiam a ela na sua vida antiga, se reconheciam as competências dela e davam valor à opinião dela, neste aspeto ela era incompetente. Não tinha quaisquer qualificações que a preparassem para esta função. A infância dela fora caracterizada pela sobrevivência. Por aprender a cuidar e a proteger-se a si própria, enquanto vivia com uma mãe maioritariamente ausente, por vezes de forma física mas sempre de forma emocional. E depois de ter saído de casa, passara a vida a estudar e a trabalhar longas e árduas horas para calar homens determinados a provar que ela era inferior a eles. E agora aqui estava ela, atirada para uma vida em que nada do que aprendera valia para alguma coisa. Uma vida que exigia o único conjunto de competências que ela *sabia* que não tinha. Não sabia como ser isto. Não sabia como *fazer* isto. E nunca ambicionara fazê-lo. Parecia-lhe injusto dar por si numa situação que evitara com tanto esforço árduo durante toda a sua vida.

Na testa dela formaram-se gotinhas de suor e ouviu a voz de Skylar através de uma bruma de ansiedade.

— Se o facto de a teres contigo fizer com que deixes de pensar isso, isto vai acabar por ser a melhor coisa que alguma vez te aconteceu. Tu não tens culpa do que te aconteceu quando eras pequena, Em.

— Não quero falar sobre isso.

— O que não muda o facto de não teres culpa. E não tens de falar sobre isso, porque a forma como te sentes é evidente no modo como escolheste viver a tua vida.

Emily olhou de relance para a criança a dormir no carro.

— Não posso cuidar dela. Não posso ser o que ela precisa.

— Queres dizer que não queres ser.

— Tenho uma vida exclusivamente adulta. Trabalho dezasseis horas por dia e tenho almoços de negócios.

— A tua vida é uma seca. Há muito tempo que te digo isso.

— Eu gostava da minha vida! Quero-a de volta.

— A vida em que trabalhavas que nem uma máquina e vivias com um homem com as emoções de um calhau?

— Eu gostava do meu emprego! Sabia o que fazia. Era competente. E eu e o Neil até podemos não ter uma paixão grandiosa, mas tínhamos muitos interesses em comum.

— Diz-me um.

— Eu... Gostávamos de ir comer fora.

— Isso não é um interesse. É uma prova de que estavam os dois demasiado cansados para cozinharemos.

— Nós os dois gostávamos de ler.

— Uau! Isso deve ter transformado o quarto num sítio emocionante.

Emily tentou lembrar-se de outra coisa, mas não conseguiu.

— Porque é que estamos a falar sobre o Neil? Isso já acabou. Toda a minha vida gira agora em torno de uma menina de seis anos. Ela tem um par de asas de fada na mochila. Não sei nada sobre asas de fada.

A infância dela fora um deserto árido, um exercício de resistência em vez de crescimento, sem espaço para nada tão frágil e destrutível quanto asas de fada finas que nem uma teia de aranha.

— Tenho uma lembrança vívida de quando tinha seis anos. Queria ser bailarina.

Emily olhou em frente, recordando como se sentira aos seis anos. Destroçada. Mesmo depois de ter acabado por se recompor, soubera que não era a mesma.

— Estou fula com a Lana. Estou fula por ela ter morrido e me ter deixado nesta posição. Não é de doidos?

— Não é de doidos. É humano. O que estavas à espera, Em? Não falas com a Lana há mais de uma década... — Skylar calou-se e Emily ouviu vozes ao fundo.

— Não estás sozinha? Apanhei-te numa má altura?

— Eu e o Richard vamos sair para ir a uma angariação de fundos no Plaza, mas ele pode esperar.

Do que sabia acerca das ambições políticas implacáveis de Richard e da natureza impaciente dele, Emily duvidava que ele estivesse preparado para esperar. Conseguia imaginar Skylar, de cabelo louro apanhado num coque elegante no cimo da cabeça e o corpo estreito envolto numa criação arrebatadora de designer. Suspeitava que a atração de Richard por Sky assentava nas ligações poderosas da família dela e não no otimismo radiante ou na beleza dela.

— Não devia ter-te ligado. Tentei a Brittany, mas ela não atende. Continua naquela escavação arqueológica em Creta. Acho que é agora meio da noite, lá.

— Ela parece estar a divertir-se. Viste a atualização do Facebook dela? Está de corpo e alma na terra e nos gregos jeitosos. Está a trabalhar com aquela especialista em cerâmica encantadora, a Lily, que me deu aquelas

ideias todas para a minha última coleção. E se não me tivesses telefonado, tinha-te telefonado eu. Tenho andado tão preocupada. Primeiro o Neil deu-te com os pés, depois tiveste de abandonar o teu emprego e agora isto! Costuma-se dizer que não há duas sem três.

Emily olhou para a criança, ainda a dormir no carro.

— Quem me dera que a terceira tivesse sido uma torradeira avariada.

— Estás a passar por um mau bocado, mas tens de te lembrar que tudo acontece por um motivo. Para começar, impediu-te de continuares enfiada na cama a comeres cereais diretamente do pacote. Precisavas de um objetivo e agora tens um.

— Não precisava de uma menina de seis anos que se veste de cor-de-rosa e usa asas de fada.

— Espera um minuto... — Fez-se silêncio e depois ouviu-se o som de uma porta a fechar. — O Richard está a falar com o diretor da campanha dele e não quero que ouçam. Estou escondida na casa de banho. As coisas que faço em nome da amizade. Ainda aí estás, Em?

— Para onde querias que tivesse ido? Estou rodeada de água. — Estremeceu. — Estou encurralada.

— Querida, as pessoas pagam bastante para ficarem «encurraladas» na Ilha dos Papagaios-do-Mar.

— Não sou uma delas. E se não conseguir mantê-la em segurança, Sky? Fez-se um breve instante de silêncio.

— Estamos a falar de segurança em relação à imprensa, ou segurança em relação a outras coisas?

Sentiu a boca seca.

— Em relação a tudo. Não quero essa responsabilidade. Não quero filhos.

— Porque tens medo de dar um pouco de ti.

Era inútil argumentar contra a verdade.

— Foi por isso que o Neil acabou tudo. Ele disse que estava farto de viver com um robô.

— Suponho que deve ter usado as suas próprias antenas para descobrir isso. Filho da mãe! Estás de coração partido?

— Não. Não sou tão sentimental quanto tu e a Brittany. Não tenho sentimentos profundos. — Mas devia sentir *alguma coisa*, não devia? A verdade era que, passados dois anos a viver com um homem, não se sentira mais próxima dele do que no dia em que se mudara para casa dele. O amor destruíra as pessoas e ela não queria ser destruída. E agora tinha uma criança.

— Porque é que achas que a Lana fez isto?

— Te tornou tutora? Sabe-se lá! Mas conhecendo a Lana como conhecia, deve ter sido por não haver mais ninguém. Ela irritou metade de Hollywood e foi para a cama com a outra metade, por isso imagino que não tivesse amigos que a ajudassem. Só tu.

— Mas ela e eu...

— Eu sei. Olha, se queres a minha opinião sincera, provavelmente foi porque ela sabia que tu colocarias a tua vida em espera e darias o teu melhor pela criança apesar da maneira como ela te tratou. Seja lá o que for que penses de ti própria, tu tens um profundo sentido de responsabilidade. Ela aproveitou-se do facto de seres uma pessoa decente e boa. Em, lamento *muito*, mas tenho de ir. O carro está lá fora e o Richard anda aqui de um lado para o outro. A paciência não é o forte dele e ele tem de ter cuidado com a tensão arterial.

— Claro. — No seu íntimo, Emily pensou que se Richard se esforçasse mais para controlar o temperamento dele, a tensão arterial também melhoraria, mas não disse nada. Não estava em condições de dar conselhos sobre relações a ninguém. — Obrigada por ouvires. Diverte-te hoje à noite.

— Ligo-te mais tarde. Não, espera... tenho uma ideia melhor. O Richard vai estar ocupado este fim de semana e eu ia escapulir-me para o meu atelier, mas, em vez disso, porque é que não vou ter contigo?

— Aqui? À Ilha dos Papagaios-do-Mar?

— Porque não? Podemos passar tempo de alta qualidade feminina. Passar o dia em pijama e ver filmes, como fazíamos quando a Kathleen era viva. Podemos conversar sobre tudo e esboçar um plano. Eu levo tudo o que encontrar que seja cor-de-rosa. Aguenta até ao fim de semana. Atravessa isto um dia de cada vez.

— Não tenho competências para tomar conta de uma criança durante cinco minutos, quanto mais cinco dias. — Mas só de pensar em meter-se no ferry outra vez na manhã seguinte deixava-a quase tão indisposta quanto a ideia de ter de ser responsável por outro ser humano.

— Ouve-me. — Skylar baixou o tom de voz. — Não gosto de dizer mal dos mortos, mas és muito mais competente do que a Lana era. Ela deixava a miúda sozinha numa casa do tamanho de França e mal a via. Basta estares presente. Ver a mesma pessoa dois dias seguidos vai ser uma novidade. Por falar nisso, como é que ela está? Ela entende o que aconteceu? Está traumatizada?

Emily pensou na criança, em silêncio e com um ar sério. Ela sabia que o trauma tinha vários rostos.

— Está calma. Com medo de toda a gente que tenha uma máquina fotográfica.

— Provavelmente, sente-se sobrecarregada pelas multidões de paparazzi à porta de casa.

— O psicólogo disse que o mais importante é mostrar-lhe que está em segurança.

— Tens de lhe cortar o cabelo e mudar o nome dela ou algo do género. Uma menina de seis anos, com cabelo louro comprido e chamada Juliet é uma autêntica denúncia. Mais vale pendurares uma placa nela a dizer «Fabricada em Hollywood»!

— Achas? — O pânico enterrou as garras afiadas no corpo dela. — Pensei que vir para aqui, para o meio de nada, era suficiente. O nome não é assim tão invulgar.

— Talvez não por si só, mas associado a uma menina de seis anos de quem toda a gente anda a falar? Acredita em mim, tens de mudá-lo. A Ilha dos Papagaios-do-Mar pode ser remota em termos geográficos, mas tem internet. Agora vai lá esconder-te e vejo-te na sexta-feira à noite. Ainda tens a tua chave do chalé?

— Sim. — Sentira o peso dela no bolso ao longo de todo o caminho desde Nova Iorque. Brittany oferecera-lhes uma chave, às duas, no dia em que terminaram a faculdade. — E obrigada.

— Ei! — O tom de voz de Sky suavizou-se. — Fizemos uma promessa, lembra-te? Estamos sempre aqui uma para a outra. Falamos mais tarde!

No instante antes de desligar, Emily ouviu uma voz masculina grossa ao fundo e voltou a pensar no que Skylar, de espírito livre, via em Richard Everson.

Quando entrou outra vez no carro, a menina mexeu-se.

— Já chegámos?

Emily virou-se para olhar para ela. Tinha os olhos de Lana, daquele bonito tom verde-claro que cativara plateias de cinema em todo o lado.

— Estamos quase lá. — Apertou o volante com mais força e sentiu o passado atingi-la como um vagalhão a ameaçar inundar um barco vulnerável. Não era a pessoa certa para isto. A pessoa certa estaria a acalmar a menina e a dar-lhe quantidades infinitas de entretenimento adequado para a idade dela, bebidas saudáveis e comida nutritiva. Emily teve vontade de abrir a porta do carro e desaparecer naquela escuridão densa, mas conseguia sentir aqueles olhos fixos nela.

Feridos. Perdidos. Confiantes.

E ela sabia que não merecia aquela confiança.

E Lana também soubera isso. Então, porque fizera isto?

— Sempre foste minha tia? — A voz sonolenta arrastou-a de volta para o presente e lembrou-se que este *era* o futuro dela. Não interessava que não estivesse equipada para tal, que não fizesse a menor ideia... tinha de fazer isto. Não havia mais ninguém.

— Sempre.

— Então, porque é que eu não sabia?

— Eu... A tua mãe deve-se ter esquecido de to dizer. E nós vivíamos em lados opostos do país. Vocês viviam em LA e eu vivia em Nova Iorque. — Sem saber como, conseguiu proferir as palavras, mas tinha noção que o tom não era o correto. Os adultos usavam vozes diferentes quando falavam com as crianças, não usavam? Vozes suaves e reconfortantes. Emily não sabia como reconfortar. Sabia de números. Formas. Padrões. Ao contrário das emoções, os números eram controláveis e lógicos. — Daqui a pouco já vais conseguir ver o chalé. É só fazer mais uma curva na estrada.

Havia sempre mais uma curva na estrada. Logo quando pensávamos que a vida chegara a uma parte segura e reta e que podíamos ativar a velocidade de cruzeiro, acabávamos por ter de controlar o volante numa curva sinuosa e dar um trambolhão para um vazio escuro como recompensa pela nossa complacência.

A menina mexeu-se no lugar dela, esticando o pescoço para olhar para a escuridão.

— Não vejo o mar. Disseste que íamos viver numa casinha na praia. Prometeste. — A voz sonolenta tremeu e Emily sentiu a cabeça a latejar.

*Por favor, não chores.*

As lágrimas não faziam parte da vida dela há vinte anos. Certificara-se de que não se importava com nada o suficiente para não chorar.

— Não consegues vê-lo, mas ele está ali. O mar está em todo o lado. — De mãos a tremer, mexeu de forma atrapalhada nos botões e as janelas abriram-se com um suave som vibrante. — Fecha os olhos e escuta. Diz-me o que é que ouves.

A criança fez uma careta e susteve a respiração assim que o ar fresco da noite se infiltrou no interior do carro.

— Ouço alguma coisa a bater.

— São as ondas a bater contra as rochas. — Conseguiu dominar o ímpeto de tapar os ouvidos com as mãos. — Há séculos que o mar bate naquelas rochas.

— A praia tem areia?

— Não me lembro. É uma praia. — E não conseguia imaginar-se a ir lá. Não metia os pés numa praia desde aquele dia em que a vida dela mudara.

Para começar, só mesmo uma amizade profunda a teria trazido para esta ilha e, mesmo quando viera, permanecera dentro de casa, enroscada na colcha de retalhos colorida de Brittany, com as amigas a protegerem-na do oceano.

A avó de Brittany, Kathleen, percebera que algo não estava bem e, quando as amigas saíram a correr pelo caminho de areia até à praia para irem nadar, convidara Emily para ajudá-la na cozinha tradicional soalheira com vista para a cor cadenciada do jardim. Ali, com o silvo delicado da chaleira a abafar o som das ondas, fora possível fazer de conta que o mar não estava quase a bater no alpendre.

Tinham feito panquecas na frigideira que outrora pertencera à mãe de Kathleen. Quando as amigas regressaram, deixando um rasto de areia e gargalhadas, as panquecas tinham sido empilhadas num prato no centro da mesa: montes de delícias fofas com bordas irregulares e afeto dourado. Comeram-nas cobertas de xarope de ácer e mirtilos frescos, apanhados dos arbustos do bonito jardim costeiro de Kathleen.

Emily ainda se lembrava do sabor agridoce à medida que eles se iam rebentando na boca.

— Vou ter de me esconder dentro de casa? — A voz da menina trespassou as memórias.

— Eu... Não. Acho que não. — As perguntas eram infundáveis e iam alimentando o seu próprio sentimento de inadequação, empanturrado de dúvida, e ela já não conseguia encontrar a parte confiante dela.

Queria fugir, mas não podia. Não havia mais ninguém.

Procurou uma garrafa de água na mala, mas não fez diferença nenhuma. Continuava com a boca seca. Estava seca desde o momento em que o telefone da secretária tocara, dando-lhe a notícia que mudara a vida dela.

— Vamos ter de pensar como fazer com a escola.

— Nunca andei na escola.

Emily lembrou-se que a vida desta criança nunca fora sequer vagamente parecida com uma vida normal. Ela era filha de uma estrela de cinema, concebida durante uma aclamada produção da Broadway de *Romeu e Julieta*. Tinha havido boatos de que o pai era o coprotagonista de Lana, mas como, à data, ele era casado e tinha dois filhos, isso fora veementemente negado por todos os envolvidos. Há pouco tempo, tinham-se reunido no

último projeto de ambos e agora ele também estava morto, perdera a vida no mesmo acidente de aviação que matara Lana, juntamente com o diretor e os membros da equipa de produção.

Juliet.

Emily fechou os olhos. *Obrigada, Lana.* Sky tinha razão. Teria de fazer alguma coisa em relação ao nome.

— Vamos ultrapassar isto um dia de cada vez.

— Ele vai encontrar-nos?

— Ele?

— O homem da máquina fotográfica. Aquele alto que me segue para todo o lado. Não gosto dele.

O frio infiltrou-se pelas janelas abertas e Emily fechou-as depressa, verificando se as portas estavam trancadas.

— Ele não vai encontrar-nos aqui. Nenhum deles.

— Eles treparam à minha casa para entrarem.

Emily sentiu uma torrente de afronta.

— Isso não vai acontecer outra vez. Eles não vão saber onde vives.

— E se eles descobrirem?

— Eu protejo-te.

— Prometes? — O pedido infantil fê-la pensar em Skylar e Brittany.

*Vamos fazer uma promessa: quando uma de nós estiver com problemas, as outras ajudam, sem fazer perguntas.*

Amizade.

Para Emily, a amizade provara ser a única ligação inquebrável da vida dela.

O pânico foi substituído por outra emoção tão forte que a fez tremer.

— Prometo. — Podia não saber nada sobre ser mãe e podia não conseguir amar, mas *conseguia* colocar-se entre esta criança e o resto do mundo.

Cumpriria essa promessa, mesmo que isso significasse ter de pintar o cabelo dela de roxo.

— VI LUZES NO CHALÉ O NÁUFRAGO. — RYAN APERTOOU MAIS o nó lais de guia para impedir que o barco andasse para trás no cais. Lá de cima, as luzes do Clube Náutico lançavam dedos dançantes dourados sobre a superfície da água. Acordes de música e gargalhadas fluuavam no vento, misturando-se com os grasnos das gaivotas. — Sabes alguma coisa sobre isso?

— Não, mas não presto atenção aos meus vizinhos como tu. Meto-me na minha vida. Experimentaste telefonar à Brittany?

— Correio de voz. Ela está algures na Grécia, numa escavação arqueológica. Suponho que o Sol ainda nem tenha nascido lá.

O mar batia nos lados do barco enquanto Alec amarrava o cabo da popa em terra.

— Provavelmente é algum arrendamento de verão.

— A Brittany não costuma arrendar o chalé. — Juntos acabaram de prender o barco e Ryan encolheu-se ao sentir o ombro a protestar.

Alec olhou de relance para ele.

— Mau dia?

— Não foi pior do que o normal. — A dor fazia-o lembrar-se de que ainda estava vivo e para aproveitar cada momento ao máximo. Era um pedacinho do passado dele que o obrigava a prestar atenção ao presente. — Amanhã de manhã vou até ao chalé ver o que se passa.

— Ou podias meter-te na tua vida.

Ryan encolheu os ombros.

— Ilha pequena. Gosto de saber o que se passa.

— É mais forte do que tu, não é?

— Só estou a ser simpático.

— És como a Brittany: sempre a escavar.

— Só que ela escava no passado e eu escavo no presente. Estás com pressa para ires lixar tábuas de madeira ou queres beber uma cerveja?

— Se pagares, posso fazer esse sacrifício.

— Devias ser tu a pagar. Tu é que és o britânico rico.

— Isso era antes do meu divórcio. E tu é que és dono de um bar.

— Estou a viver o sonho. — Ryan calou-se para cumprimentar um dos professores do clube de vela, olhou para as horas das marés alta e baixa apontadas no quadro branco ao lado da doca e subiu a rampa que ia da marina até ao bar e restaurante com Alec. Apesar de ainda estarem no início do verão, já estava a borbulhar de atividade. Ryan absorveu as luzes e a multidão, lembrando-se de como fora o velho estaleiro sem uso há três anos.

— Então, como vai o livro? Não é nada teu ficares no mesmo sítio tanto tempo. Esses músculos vão acabar por definhar, se passares demasiado tempo a olhar para ecrãs de computador e a folhear livros poeirentos. Estás com um aspeto franzino.

— Franzino? — Alec endireitou os ombros robustos. — Tenho de te lembrar quem é que se ofereceu para te ajudar a concluir o Clube Náutico

quando o teu ombro andava a incomodar-te? E passei o último verão a construir a réplica de um navio viking na Dinamarca e depois levei-o por mar até à Escócia, o que envolveu mais horas a remar do que quero recordar. Por isso, podes guardar os teus comentários opiniosos sobre livros poeirentos para ti.

— Tens noção de que pareces estar na defensiva? É como te disse. Franzino. — O telemóvel de Ryan tocou e ele tirou-o do bolso e leu a mensagem. — Interessante.

— Se estás à espera que pergunte, podes ficar à espera para sempre.

— É a Brittany. Emprestou o chalé O Náufrago a uma amiga que está com problemas, o que explica as luzes. Ela quer que eu tome conta dela.

— Tu? — Alec desatou às gargalhadas bem alto. — Isso é como dar um cordeirinho a um lobo e dizer: «Não comas isto.»

— Obrigado. E quem disse que ela é um cordeirinho? Se a amiga for minimamente parecida com a Brittany, também há de ser um lobo. Ainda tenho uma cicatriz no sítio onde a Brittany me atingiu no traseiro com uma das setas dela há dois verões.

— Pensei que ela tinha uma pontaria perfeita. Falhou o alvo?

— Não. Eu *era* o alvo dela. — Ryan escreveu uma mensagem.

— Estás a dizer-lhe que tens mais que fazer do que tomar conta da amiga.

— Estou a dizer-lhe que tomo conta dela. Será assim tão difícil? Passo por lá, ofereço um ombro onde ela pode chorar, consolo-a...

— Aproveitas-te de uma mulher vulnerável.

— Não, porque não quero ser atingido no traseiro uma segunda vez.

— Porque é que não dizes que não?

— Porque estou em dívida para com a Brit e isto é uma forma de retribuir. — Pensou na história de ambos e sentiu os remorsos. — Ela está a cobrar-me.

Alec abanou a cabeça.

— Mais uma vez, não estou a perguntar.

— Ainda bem. — Enquanto enfiava o telemóvel no bolso, Ryan subiu os degraus de dois em dois até ao clube. — Então, mais uma vez, como vai o teu livro? Já chegaste à parte emocionante? Já morreu alguém?

— Estou a escrever uma história naval da Revolução Americana. Muitas pessoas morrem.

— Tem sexo?

— Claro! Eles paravam com frequência a meio de uma batalha para

fazerem sexo uns com os outros. — Alec afastou-se para o lado, quando um grupo de mulheres se aproximou de braços dados. — Vou voltar para Londres na próxima semana, por isso vais ter de arranjar um amigo novo para os copos.

— Negócios ou prazer?

— Os dois. Tenho de ir à biblioteca Caird, em Greenwich.

— Porque é que alguém haveria de ter de *lá* ir?

— Tem o arquivo marítimo mais extenso do mundo.

Uma das mulheres olhou para Alec de forma despreocupada e depois parou, arregalando os olhos.

— Eu conheço-o. — Fez um sorriso encantado. — É o *Caçador de Naufrágios*. Vi todas as séries que criou e já comprei a mais recente em pré-venda. Isto é tão *fixe*. O mais engraçado é que História era a minha disciplina menos preferida na escola, mas o senhor consegue mesmo torná-la atraente. Montes de nós seguem-no no Twitter, não que fosse reparar em nós, porque tem, tipo, cem mil seguidores.

Alec respondeu de forma educada e quando, finalmente, se afastaram, Ryan deu-lhe uma palmada no ombro.

— Ei, esse devia ser o teu slogan. *Torno a História atraente*.

— Queres ir parar à água?

— Tens mesmo cem mil seguidores? Suponho que seja o que acontece quando se atravessa a selva da Amazónia de caiaque seminu. Alguém viu a tua anaconda.

Alec revirou os olhos.

— Lembra-me lá porque é que passo tempo contigo?

— Sou dono de um bar. E, para além disso, mantenho-te de pés assentes no chão e protejo-te contra os rebanhos de fãs que te adoram. Então... Estavas a dizer-me que vais voar para lá do oceano para ires a uma biblioteca. — Ryan atravessou o bar, trocando cumprimentos à medida que avançava. — Qual é a parte do prazer da viagem?

— A biblioteca é o prazer. Os negócios são a minha ex-mulher.

— Ui! Estou a começar a compreender como é que uma biblioteca pode parecer uma festa.

— Um dia, há de acontecer-te a ti.

— Nunca. Para ser divorciado tinha de me casar e eu fui vacinado contra isso em tenra idade. Uma casinha branca com vedação de estacas pode ser extremamente parecida com uma prisão, quando se está trancado nela.

— Tu tomaste conta dos teus irmãos. Isso é diferente.

— Confia em mim, não há melhor lição de contraceção para um rapaz de treze anos do que ter de criar a irmã de quatro anos.

— Se evitaste tudo o que te prenda, porque é que voltaste para casa, na ilha onde cresceste?

*Porque olhara a morte nos olhos e voltou para casa de rabinho entre as pernas para recuperar.*

— Estou aqui por opção, não obrigação. E essa escolha foi motivada por lagosta e pelos cinco mil quilómetros e meio de linha costeira. Posso ir embora assim que me apetecer.

— Prometo que não conto nada disso à tua irmã.

— Acho bem. Porque se há coisa mais assustadora do que uma ex-mulher, é ter uma irmã que é professora da primeira classe. Como é que os professores conseguem? Aperfeiçoam aquele olhar que consegue paralisar o mau comportamento a um quilómetro de distância.

Ryan escolheu uma mesa com vista para a água. Embora fosse de noite, gostava de saber que estava por perto. Pegou numa ementa e levantou as sobancelhas quando Tom, o empregado do bar, passou por eles com dois cocktails grandes, finalizados com foguetes para bolos.

— Queres um daqueles?

— Não, obrigado. Prefiro as minhas bebidas não enfeitadas. Fogo de artifício faz-me lembrar do meu casamento e guarda-chuvas fazem-me lembrar do tempo em Londres. — Alec preparou-se à medida que uma rapariga atravessava o bar ruidosamente, de cabelo louro a voar, mas desta vez o centro das atenções era Ryan.

Ela beijou-o de forma audível nas duas faces.

— Que bom ver-te! Hoje foi espetacular. Vimos focas. Vais à festa da lagosta?

Trocaram alguns gracejos até os amigos dela, que estavam no bar, a chamarem de volta e ela desapareceu numa nuvem de perfume com cheiro fresco a limão.

Alec mexeu-se na cadeira.

— Quem era aquela?

— O nome dela é Anna Gibson. Quando não está a ajudar no convés da *Alice Rose*, está a trabalhar como estagiária no projeto de conservação dos papagaios-do-mar. Porquê? Estás interessado? — Ryan gesticulou na direção de Tom, que estava no bar.

— Ainda não acabei de pagar à última mulher e, seja como for, não era para mim que ela estava a sorrir. Pela maneira como estava a olhar para ti,

diria que configurou o GPS dela para o fim do arco-íris. Nunca te esqueças que o fim do arco-íris leva ao casamento e que o casamento é o primeiro passo para o divórcio.

— Já determinámos que sou a última pessoa que precisa dessa lição. — Ryan pendurou o casaco nas costas da cadeira.

— Então, o que é que uma rapariga como aquela anda a fazer tão longe da civilização?

— Para além do facto de a *Alice Rose* ser uma das escunas mais bonitas de todo o Maine? Provavelmente ouviu o boato de que só verdadeiros homens conseguem sobreviver aqui. — Ryan esticou as pernas. — E tenho de te lembrar que a minha marina tem todo o tipo de ligações, incluindo telefone, eletricidade, água, TV por cabo e Wi-Fi? Estou a trazer a civilização para a Ilha dos Papagaios-do-Mar.

— A maior parte das pessoas vem para um sítio como este para evitar essas coisas. Eu incluído.

— Estás errado. Elas gostam da ilusão da fuga, mas não da realidade. Sendo o mundo comercial o que é, têm a necessidade de conseguirem permanecer em contacto. Se não conseguirem, vão para outro sítio qualquer, e esta ilha não pode dar-se ao luxo de as deixar ir para outro sítio qualquer. Esse é o meu modelo de negócio. Trazemo-las para aqui, deixamo-las encantadas, damos-lhes Wi-Fi.

— Há mais vida para além do Wi-Fi e há muito que se lhe diga quanto a não conseguir receber e-mails.

— Lá porque os recibos não quer dizer que tens de responder. Foi por isso que foram inventados os filtros de spam. — Ryan olhou para cima, quando Tom lhes trouxe duas cervejas.

Empurrou uma ao longo da mesa para Alec.

— A não ser que isto seja demasiado civilizado para ti?

— Existem registos escritos da utilização de cerveja por parte dos antigos egípcios.

— O que prova que o homem sempre teve as prioridades certas.

— E por falar em prioridades, este sítio está concorrido. — Alec pegou na cerveja. — Então, não tens saudades da tua vida antiga? Não estás aborrecido a viver num só sítio?

A vida antiga de Ryan era algo em que ele tentava não pensar.

A dor no ombro desvanecera para um ligeiro latejar, mas outras feridas, mais sombrias e profundas, nunca sarariam. E talvez isso fosse bom. Lembrava-o de aproveitar cada instante ao máximo.

— Estou aqui para ficar. É meu dever cívico arrastar a Ilha dos Papagaios-do-Mar para o século vinte e um.

— MAMÃ, MAMÃ!

Na manhã seguinte, consumida pelo sonho, Emily rebolou na cama e enterrou o rosto na almofada. O odor não era familiar e, por entre os olhos semicerrados, viu um padrão estranho de rosas minúsculas tecidas em linho branco. Não era a cama dela. Os lençóis da cama dela eram novos, contemporâneos e simples. Isto era como adormecer com a cara num jardim.

No meio da confusão do sono conseguia ouvir a voz de uma criança a chamar, mas sabia que não era a ela que estava a chamar, porque ela não era mamã de ninguém. Nunca seria a mamã de ninguém. Tomara essa decisão há muito tempo, quando lhe arrancaram o coração do peito.

— Tia Emily? — Desta vez a voz estava mais perto. No mesmo quarto. E era real. — Está um homem à porta.

Não era um sonho.

Era como ser acordada por um banho de água gelada.

Emily saiu da cama num ápice, com o coração aos saltos. Só quando foi buscar um robe é que percebeu que adormecera em cima da cama ainda vestida, algo que nunca fizera em toda a sua vida. Tivera medo de dormir. Demasiado assoberbada pela responsabilidade para tirar os olhos de cima da criança por um instante sequer. Deitara-se em cima da cama e deixara as duas portas abertas para poder ouvir todos os ruídos, mas, a dada altura, era óbvio que o cansaço extremo derrotara a ansiedade e ela adormecera. Como resultado, as calças do fato, pretas e imaculadas, já não estavam imaculadas, a camisa formal estava engelhada e o cabelo escapara do gancho que o prendia.

Mas não era com o aspeto dela que estava preocupada.

— Um homem? — Enfiou os pés nos sapatos rasos, que comprara para percorrer ruas e o metro. — Ele viu-te? Está sozinho ou são muitos?

— Vi-o do meu quarto. Não é o homem com a máquina fotográfica. — Os olhos da menina estavam arregalados e assustados e Emily sentiu um acesso de culpa. Devia ficar calma e ser alguém em quem se pode confiar. Uma figura paternal e não uma histérica.

Olhou fixamente para uns olhos verdes e inocência. Para cabelo dourado, caído e encaracolado como uma princesa de conto de fadas.

*Tirem-me daqui!*

— Não é ele. Ele não sabe que estamos aqui. Vai correr tudo bem. —  
Proferiu as palavras sem as sentir e tentou não se lembrar que, se tudo estivesse bem, não estariam ali. — Esconde-te no quarto. Eu trato disto.

— Porque tenho de me esconder?

— Porque tenho de ver quem é.

Tinham apanhado o último ferry do continente e tinham chegado tarde. O chalé ficava no lado oposto da ilha, aconchegado na orla da Baía das Conchas. Um refúgio na praia. Um abrigo dos constrangimentos da vida. Só que, no caso dela, ela trouxera os constrangimentos consigo.

Ninguém devia saber que estavam aqui.

Pensou em espreitar pela janela, através daquelas cortinas românticas fininhas que não fariam parte de uma vida tão prática quanto a dela, mas lembrou-se que levantaria suspeitas.

Pegando no telemóvel e preparando-se para desferir um golpe, caso fosse necessário, Emily abriu a porta pesada do chalé e sentiu imediatamente o cheiro do mar. A frescura salgada do ar fê-la perder o equilíbrio, tal como o vislumbre do visitante.

Dizer que era atraente era pouco. Reconheceu-lhe o tipo de imediato. A masculinidade estava-lhe bem entranhada no ADN, a força e a atração física faziam parte do plano principal da natureza para garantir que a Terra continuava a ser povoada. As sapatilhas, as calças de fato de treino pretas e a t-shirt clara declaravam-no um tipo do ar livre, capaz de lidar com qualquer desafio físico que os elementos lhe apresentassem, mas ela sabia que não teria sido nada diferente se ele estivesse nu ou vestido com um fato de arrasar. A roupa não alterava os factos. E os factos eram que ele era do tipo de homem que conseguia tentar uma mulher sensata a fazer coisas parvas. O olhar dele passeou sobre ela numa apreciação masculina nada apolo-gética e ela deu por si a pensar em Neil, que acreditava vivamente que os homens deviam desenvolver o seu lado feminino.

Este homem não tinha um lado feminino.

Ali estava ele, de pé na entrada, todo ele músculo bombeado e pura força, a dominá-la tanto com a altura como com a largura dos ombros. Tinha o maxilar escuro devido à barba por fazer e o pescoço a reluzir com o suor saudável do esforço físico.

Neil jamais se teria apresentado em público sem se barbear, nem mesmo sob a ameaça de tortura.

Uma sensação estranha espalhou-se-lhe pela pele e enterrou-se bem fundo no corpo dela.

— Passa-se alguma coisa? — Podia ter respondido à sua própria pergunta.

Passava-se muita coisa e sem mesmo sequer começar a interpretar a sua reação física.

Tinha um estranho a bater-lhe à porta meras horas depois de ter chegado, o que, de certeza, só podia significar uma coisa.

Tinham-na encontrado.

Fora avisada em relação à imprensa. Os jornalistas eram como chuva num telhado: encontravam todas as fendas, todos os pontos fracos. Mas como tinham conseguido tão depressa? As autoridades e os advogados que estavam a tratar das questões de Lana tinham-lhe garantido que ninguém sabia da existência dela. O plano fora manter tudo em segredo e esperar que a história morresse.

— Ia fazer exatamente essa pergunta. — Tinha um tom de voz baixo e grosso, perfeitamente adequado ao homem. — Está com uma expressão de pânico. Isto é sempre muito calmo por aqui. Não vemos grandes pânicos na Ilha dos Papagaios-do-Mar.

Ele era da localidade?

Nunca na vida esperaria que um homem como ele vivesse satisfeito numa ilha rural. Apesar das roupas descontraídas, tinha um ar de sofisticação que sugeria uma experiência de vida que se estendia bem para lá da costa do Maine.

O cabelo dele era escuro e estava desgrenhado por causa do vento e os olhos eram profundamente inteligentes. Observou-a por um instante, como se estivesse a tentar perceber alguma coisa, e depois o olhar dele passou para lá do ombro dela. Instintivamente, ela fechou um pouco a porta, bloqueando-lhe a visão, na esperança de que Juliet permanecesse fora de vista.

Se não se sentisse tão maldisposta, ter-se-ia rido. Ia mesmo viver assim?

Ela era a sóbria, a sensata. Este era o tipo de drama que teria esperado da parte de Lana.

— Vive aqui? — perguntou.

— Isso surpreende-a?

Surpreendia, mas lembrou-se que a única coisa que importava era que ele não fizesse parte do bando da imprensa. Não podia fazer. Para além do boletim informativo da ilha e de alguns grupos restritos do Facebook, não havia comunicação social na Ilha dos Papagaios-do-Mar. Emily percebeu que estava nervosa por causa das instruções que recebera dos advogados de

Lana. Via jornalistas enquanto dormia. Esquecera-se que existiam pessoas normais no mundo. Pessoas cuja função não era meterem-se na vida dos outros.

— Não estava à espera de visitas. Mas agradeço que tenha vindo ver como estamos. Estou. Quero dizer, como estou. — Pela forma como aqueles olhos se estreitaram, consegui perceber que o deslize não passara despercebido e pensou se ele teria visto a menina a espreitar pela janela. — É uma ilha encantadora.

— Pois é. O que me faz pensar porque é que está a olhar para ela através de uma porta semicerrada. A não ser que seja o Capuchinho Vermelho. — O divertimento nos olhos dele era inquietante. Ao olhar para aquela boca grande e sensual, não teve dúvidas de que podia ser o lobo mau quando lhe desse jeito. Na verdade, estava disposta a apostar que, se enfileirasse os corações que ele partira de uma ponta à outra da baía, conseguiria atravessar os 22 quilómetros até ao continente sem nunca molhar os pés.

— Diga-me o que se passa.

O pedido confirmou que ela não tinha o mesmo jeito para representar de Lana.

O olhar atento dele demorou-se sobre o dela e o coração dela acelerou. Pensou que era pouco provável que tivesse qualquer interesse por uma ex-consultora de gestão exausta, que conseguia congelar água sem a ajuda de um eletrodoméstico.

— Não se passa nada.

— Tem a certeza? Porque sou capaz de chacinar um dragão, se isso ajudar.

A cordialidade e o humor atingiram-na mais do que o aspeto relaxado e dado à especulação.

— Este chalé está isolado e não estava à espera de visitas, é só isso. Sou muito cautelosa. Principalmente, desde que herdara a filha da meia-irmã.

— A Brittany pediu-me para vir ver como estava. Ela não lhe disse?

— É amigo da Brittany? — Ficar a saber aquilo fez com que se adicionasse intimidade a uma situação que não deveria ter tido nenhuma. Agora, em vez de serem estranhos, tinham uma ligação. Pensou porque é que Brittany teria feito aquele pedido e depois lembrou-se da mensagem em pânico que deixara no correio de voz da amiga na noite anterior. Era óbvio que não perdera um segundo a pedir ajuda. Sentiu um baque no coração, mas depois acalmou-se, porque sabia que Brittany nunca revelaria o segredo dela. Se envolvera este homem, era porque confiava nele.

— Nós os dois crescemos aqui. Ela andou na escola com uma das minhas irmãs. Elas costumavam passar o verão no Campo de Férias dos Papagaios-do-Mar: a andar de barco à vela, de caiaque e a assar *marshmallows*.

Aquilo soou ao mesmo tempo a felicidade e a estranheza. Tentou imaginar uma infância que tivesse incluído um campo de férias no verão.

— Foi muito simpático em passar por cá. Eu digo à Brittany que passou por cá e cumpriu o seu dever.

O sorriso dele surgiu de forma lenta e sensual.

— Acredite que o dever nunca teve tão bom aspeto.

Houve algo na maneira como ele disse aquilo que mexeu com os sentidos dela, e o olhar puramente elogioso dele também. Breve, mas minucioso o suficiente ao ponto de a deixar com a sensação de que ele podia ter confirmado todas as medidas dela, se a isso fosse obrigado.

Surpreendeu-a.

Os homens costumavam achá-la inacessível. Neil acusara-a uma vez de ser como a calota polar sem o aquecimento global.

«*Se tivesse casado contigo, passaria toda a minha vida a tremer de frio e a usar roupa interior térmica.*»

Ele pensava que o problema dela residia na incapacidade que tinha de mostrar emoções.

Para Emily, isso não era um problema. Era uma decisão consciente. O amor apavorava-a. Apavorava-a tanto que decidira muito nova que preferia viver sem ele a fazer-se passar pela dor. Não conseguia entender porque é que as pessoas o desejavam tanto. Agora, tinha uma vida segura e protegida. Uma vida em que conseguia existir em segurança por saber que ninguém faria explodir uma bomba no coração dela.

Não desejava as coisas que a maioria das pessoas desejava.

Desorientada pela expressão nos olhos dele, afastou o cabelo do rosto com um gesto constrangido.

— De certeza que podia estar a fazer um milhão de coisas agora. E também tenho a certeza que fazer de ama-seca não está na sua lista de atividades atrativas.

— Fica a saber que sou uma ama-seca bem-sucedida. Diga-me como é que conhece a Brittany. Amiga da faculdade? Não me parece arqueóloga.

— Ele tinha a autoconfiança inata de alguém que nunca se deparara com uma situação com que não conseguisse lidar e agora estava a lidar com ela, a sacar informações que ela não queria dar.

— Sim, conhecemo-nos na faculdade.

— Então, como é que ela está?

— Ela não lhe disse quando lhe ligou a pedir para tomar conta de mim?

— Foi uma mensagem de texto e não, não me disse nada. Ainda está a escavar em Corfu?

— Creta. — Emily sentiu a boca seca. — Ela está em Creta ocidental.

— Havia qualquer coisa naqueles olhos de pálpebras caídas que encorajavam uma mulher a revelar segredos. — Então, conhece a Brittany desde sempre?

— Salvei-a de uma briga, quando ela andava na primeira classe. Ela tinha levado um pedacinho de vidro do mar da Kathleen para a escola, para mostrar, e um miúdo qualquer roubou-lho. Ela explodiu que nem um petardo humano. Até apostou em como dava para ver as faíscas a milhas.

Parecia tanto o comportamento de Brittany que nem se deu ao trabalho de questionar a veracidade da história dele.

A descontrair ligeiramente, respirou bem fundo e viu o olhar dele a descer de modo esquivo para o peito dela.

Brittany costumava gozar com ela, dizendo que Deus lhe tirara 15 centímetros de altura e os adicionara aos seios dela. Se tivesse tido oportunidade de escolher, teria optado pela altura.

— Conheceu a Kathleen?

— Sim, conheci a Kathleen. Isso significa que vai abrir-me a porta? — O tom de voz dele soou rouco e divertido. — A Ilha dos Papagaios-do-Mar é uma comunidade unida. Os ilhéus não se conhecem só uns aos outros, confiamos uns nos outros. Principalmente no inverno, depois de os turistas veraneantes irem embora. Um sítio como este aproxima as pessoas. Posto isto, a Kathleen era uma grande amiga da minha avó.

— Tem avó? — Tentou imaginá-lo novo e vulnerável e fracassou.

— Tenho. É uma boa mulher que ainda não perdeu a esperança de conseguir curar-me da minha forma de vida pecaminosa. Então, quanto tempo vai cá ficar? — A pergunta apanhou-a desprevenida. Fê-la perceber como não estava nada preparada. Não tinha história nenhuma. Nenhuma explicação para a sua presença.

— Ainda não decidi. Olhe, senhor..

— Ryan Cooper. — Deu um passo em frente e estendeu-lhe a mão, não lhe dando outra hipótese se não apertá-la.

Uns dedos fortes e quentes envolveram os dela e ela sentiu algo a trespassá-la. A intensa carga sexual era novidade para ela, mas isso não queria

dizer que não conseguisse reconhecê-la. Brilhou no ar, espalhou-se pela pele e enterrou-se bem profundamente nos ossos. Imaginou aquelas mãos no corpo dela e aquela boca na dela. Atarantada, afastou a mão de forma brusca, mas o zumbido baixinho de consciência permaneceu. Era como se tocar-lhe tivesse acionado algo que não fazia ideia de como desligar. Abalada pela ligação que não esperara, deu um passo atrás.

— Tenho a certeza de que a Brittany vai gostar de saber que passou por cá para ver como estava o chalé, mas como pode ver está tudo bem, por isso...

— Não vim ver como estava o chalé. Vim vê-la a si. Suponho que seja Eleanor. Ou talvez Alison. — Ficou ali parado sem se mexer um milímetro, de pernas afastadas. Era evidente que não ia mexer-se até estar pronto.

— Rebecca?

— O quê?

— O seu nome. A Ilha dos Papagaios-do-Mar é um sítio cordial. Por aqui, a primeira coisa que ficamos a saber sobre alguém é o nome. Depois aprofundamos.

Ela ficou sem fôlego. Seria uma insinuação sexual? Algo naquela voz grossa e aveludada fez com que pensasse que podia ter sido, mas não tinha de se olhar ao espelho para saber que era improvável que um homem como ele perdesse tempo com alguém como ela. Ele era do tipo que gostava das mulheres descontraídas e não ultracongeladas.

— Não me parece que vá ver muitas pessoas.

— Não vai conseguir evitá-lo. É uma ilha pequena. Vai ter de fazer compras, comer e divertir-se, e ao fazer essas coisas vai encontrar pessoas. Passe cá um inverno e vai aprender o significado de comunidade. Não há nada como enfrentar ventos tempestuosos e nevoeiro cerrado para nos aproximarmos dos nossos vizinhos. Se vai viver aqui, vai ter de se habituar a isso.

Não conseguia habituar-se a isso. Era responsável pela segurança de uma criança e, por muito que duvidasse estar à altura da tarefa, levava essa responsabilidade muito a sério.

— Senhor Cooper...

— Ryan. Talvez a sua mãe tenha ignorado o tradicional e tenha preferido algo mais exótico. Amber? Arabella?

Seria melhor dizer-lhe um nome falso? Mas de que valia isso, se ele já conhecia Brittany tão bem? Estava como peixe fora de água. A vida dela regia-se pela ordem e, de repente, tudo à volta dela estava um caos. Em vez

de ser seguro e previsível, subitamente o futuro parecia repleto de buracos profundos à espera para a engolir.

E agora não tinha de se preocupar só consigo própria.

— Emily — acabou por dizer. — Sou a Emily.

— Emily. — Repetiu devagar e depois dirigiu-lhe um sorriso que pareceu aumentar a temperatura ambiente em alguns graus. — Bem-vinda à Ilha dos Papagaios-do-Mar.